



Rita Tomelero/AE

Meninas no Red Ballon e alunos no laboratório de línguas do Senac: o ensino de línguas adota métodos diferentes para o atendimento em todas as idades

Curso de língua é para qualquer idade

ROSANA ORTIZ

Eles enrolam a língua e fazem biquinho para falar corretamente frases tão simples como "watashi wa burajiru jin desu" ou "je suis brésilien", traduções em japonês e francês de "eu sou brasileiro". Além disso, levam horas repetindo os novos nomes de objetos tão comuns como garfo e faca. Nas escolas de línguas, os milhares de alunos empenham-se no aprendizado de um novo idioma, de executivos de multinacionais a crianças de apenas três anos. Simulando em japonês, francês, alemão e in-

glês — as línguas mais procuradas — situações rotineiras, eles aprendem a alugar quartos de hotéis, pedir comida em restaurantes e a conversar em reuniões de negócios.

A didática aplicada varia desde cursos tradicionais que levam nove anos para ser completados até o chamado "mergulho", onde o aluno passa dias inteiros comunicando-se, exclusivamente, no idioma estrangeiro. Tudo é feito e proposto para atender as necessidades de milhares de pessoas que ocupam anualmente as cadeiras das escolas de línguas:

diminuir as dificuldades nos colégios convencionais, melhorar o *curriculum*, preparar-se para uma viagem de lazer ou negócios, freqüentar um curso no Exterior ou mesmo tentar uma vida melhor lá fora, a saída de muitos brasileiros desesperançosos.

"Há quatro meses meu inglês era uma tragédia. Hoje vou muito bem na escola e nem me preocupo com as provas", diz satisfeito o estudante André Gordon, de 15 anos, que questiona a lógica do novo idioma: "A tradução de bike é bicicleta, e de *to bike*, o verbo, seria bicicle-

tar. Ninguém fala assim no Brasil". Essas diferenças confundem o aprendizado, e por isso a maior parte das escolas prefere ensinar o uso da língua, sem explicá-la através de fórmulas. "Queremos que nossos alunos utilizem o inglês naturalmente, e não que decorem mecanicamente a gramática", explica Lúcia Aragão, coordenadora de cursos da União Cultural Brasil Estados Unidos.

Ao se preparar para uma extensão universitária no Exterior, a estudante de Direito Stela Gomes de Abreu, de 22 anos, enfrenta problemas na hora da

conversação. As maiores dificuldades são palavras inglesas com *r* ou *th*, que a obrigam a enrolar a língua. "O pior é que não existem regras de pronúncia. No inglês, diz-se *ei* quando se quer falar a letra a isoladamente. Mas nas palavras nem sempre é assim", reclama a estudante.

Apesar disso, o brasileiro é considerado um aluno exemplar quando comparado aos estudantes de outros países. "Entre os povos dos países cuja língua se origina do latim, o brasileiro é o que aprende francês com mais rapidez", afirma Raymond

Alonso, diretor-geral em São Paulo da Aliança Francesa. "Existe uma facilidade para a pronúncia e entonação. Nos países de língua espanhola, por exemplo, a dificuldade na conversação do alemão é muito maior", diz Klaus Fischer, vice-diretor do Instituto Goethe, que tem escolas espalhadas por todo o mundo. Luis Massahiro Hanada, da Aliança Cultural Brasil Japão, concorda com isso: "Brasileiro tem facilidade. Logo na primeira aula, os alunos repetem as frases em japonês com muita desenvoltura e naturalidade".